

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

### “QUARTO DE DESPEJO”: A ESCRITA COMO ESTOICISMO

André Pascoal<sup>1</sup> (USP)

Recebido em 27 de março de 2025; aprovado em 9 de julho de 2025.

**RESUMO:** Inicialmente, parafraseando Virgínia Woolf, é necessário perguntar qual é o espaço da mulher na literatura, no início do século passado. Mas, se consideramos o contexto de uma mulher negra, moradora de uma favela brasileira, a perspectiva para se consolidar como escritora é ainda mais árdua. Assim, o presente ensaio pretende demonstrar não apenas as dificuldades enfrentadas por Carolina Maria de Jesus para o exercício de sua escrita, mas como seu esforço para escrever representa um verdadeiro ato de resistência, no seu mundo permeado pela miséria, pela criminalidade e pela exclusão. Um mundo em que vidas são desperdiçadas ou simplesmente desprezadas pelas políticas sociais. A guerra cotidiana pela sobrevivência reduz a condição humana ao nível dos animais que habitam naquele ambiente, com quem disputam os dejetos que lhes servem de alimento. A luta pela sobrevivência, muitas vezes, pode suscitar um enfraquecimento do ânimo e da vontade de viver, conducente a um verdadeiro niilismo existencial. Desse modo, sua escrita de linguagem simples, porém profunda, ultrapassa os estreitos limites da favela, servindo como verdadeiro instrumento de reconhecimento e autopreservação, diante da desigualdade e do preconceito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carolina Maria de Jesus; escrita; mulheres negras; reconhecimento.

### “QUARTO DE DESPEJO”: LA ESCRITURA COMO ESTOICISMO

**RESUMEN:** Inicialmente, parafraseando a Virginia Woolf es necesario preguntarse qué lugar ocupaban las mujeres en la literatura al inicio del siglo pasado. Pero si consideramos el contexto de una mujer negra que vive en una favela brasileña, la perspectiva de consolidarse como escritora se vuelve aún más ardua. Entonces, este ensayo pretende demostrar no solo las dificultades que Carolina María de Jesús enfrentó en su camino como escritora, sino también cómo su esfuerzo por escribir representa un verdadero acto de resistencia en un mundo asolado por la pobreza, la delincuencia y la exclusión. Un mundo en el que las vidas se desperdician o simplemente son ignoradas por las políticas sociales. La lucha diaria por la supervivencia reduce la condición humana al nivel de los animales que habitan ese entorno, con quienes compiten por los desechos que les sirven de alimento. La lucha por la supervivencia a menudo puede llevar a un debilitamiento del espíritu y de la voluntad de vivir, lo que

---

<sup>1</sup> [apascoals@usp.br](mailto:apascoals@usp.br) - <https://orcid.org/0009-0009-0288-6929>

conduce a un verdadero nihilismo existencial. De esta manera, su escritura, con un lenguaje sencillo pero profundo, trasciende los estrechos confines de la favela y sirve como un verdadero instrumento de reconocimiento y autopreservación frente a la desigualdad y los prejuicios.

PALABRAS CLAVE: Carolina Maria de Jesus; escritura; mujeres negras; reconocimiento.

## “QUARTO DE DESPEJO”: WRITING AS ESTOICISM

ABSTRACT: First of all, paraphrasing Virginia Woolf, it is essential to ask where women’s space in literature was at the beginning of the last century. But, if we consider the context of a black Woman living in a Brazilian slum, the perspective is much more arduous. The present essay intends to demonstrate, much more than the difficulties of Carolina Maria de Jesus as a writer, how her effort to write represents an actual act of resistance in a world surrounded by misery, criminality, and exclusion. In a world where lives are either wasted or despised by social policies. The everyday war for survival reduces the human condition to the same level as that of the animals living in the same environment, due to disputes over food leftovers. Sometimes, the battle for survival can lead to a weakening of the spirit and the will to live, as in existential nihilism. Thus, her simple but profound language in writing surpasses the narrow limits of the slum, serving as a valid instrument of recognition and self-preservation in the face of inequality and prejudice.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; writing; black women; recognition.

*Muitas fugiam ao me ver  
Pensando que eu não percebia  
Outras pediam pra ler  
Os versos que eu escrevia*

*Era papel que eu catava  
Para custear o meu viver  
E no lixo eu encontrava livros para ler  
Quantas coisas eu quiz fazer  
Fui tolhida pelo preconceito  
Se eu extinguir quero renascer  
Num país que predomina o preto*

*Adeus! Adeus, eu vou morrer!  
E deixo esses versos ao meu país  
Se é que temos o direito de renascer  
Quero um lugar, onde o preto é feliz.*

*Muitas fugiam ao me ver...  
(Carolina Maria de Jesus)*

### INTRODUÇÃO: MULHERES E LITERATURA

No início do século XX, Virgínia Woolf sensibilizou-se com a delicada situação de vulnerabilidade das mulheres escritoras em uma sociedade nitidamente sexista – “A história de uma tradição literária feminina pode ser descrita como a liberação da es-

crita, passo a passo, desde uma perspectiva masculina até uma escrita e uma linguagem autênticas das mulheres” (Weigel 1986: 76)<sup>2</sup>. Se Shakespeare tivesse uma irmã, gozaria das mesmas facilidades e reconhecimento do grande dramaturgo para escrever suas obras? Qual a possibilidade de acesso de uma mulher ao fechado círculo acadêmico?

Enfim, sem a igualdade social e financeira da mulher, na patriarcal sociedade vitoriana, não seria possível que uma autora tivesse tranquilidade para desenvolver sua escrita. Sobretudo, precisaria de um “teto todo seu”, um espaço reservado para o exercício e desenvolvimento de seu talento e de suas potencialidades: “A observação impessoal e desapaixonada depende de haver tempo livre, de algum dinheiro e das oportunidades surgidas pela combinação desses dois fatores. Com dinheiro e tempo livre a seu dispor, naturalmente as mulheres se dedicarão mais do que até aqui foi possível ao ofício das letras” (Woolf 2019: 18).

Note-se que, no caso da escritora britânica, há um movimento no interior de uma sociedade que rompeu com o primitivismo, criando instituições acadêmicas tradicionais e seculares, mas que não havia se desvinculado, por completo, da mentalidade sexista e excludente, o que se refletia na exteriorização da própria arquitetura acadêmica: “Um dia, presumivelmente, esse pátio quadrangular com seus gramados macios, ou sólidos edifícios e a própria capela foram também um charco, onde a relva ondulava e os porcos fuçavam” (Woolf 1985: 14).

Mas, depois de tanto tempo da publicação de “Mulheres e ficção” e um “Teto todo seu”, o que mudou para as escritoras, principalmente se for considerada uma sociedade patriarcal e atrasada como a brasileira? E se a escritora fosse uma mulher negra, semialfabetizada, catadora de papel, moradora de uma favela sul-americana?

## O FENÔMENO CAROLINA

No meio da cidade, o espaço que deixou de ser mato, o solo que deixou de ser pântano, o que restou do brejo, da lama, dos escombros do resto da cidade. Ali se espalham casas miseráveis, estúpidos casebres insustentáveis diante da força da natureza. Uma vida precária, quase animalesca: “Eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus 2020: 36).

Quem se diria no direito de escrever em um ambiente desses? Quem poderia suportar o peso dos dias implacáveis que ameaçam a existência, reduzem o ser à mera condição de sobrevivente, na luta inglória de sustento de seu próprio metabolismo e da sua prole? Quem ousaria ser escritora, em um país de oportunidades parcias e desiguais, para pobres, pretas e semialfabetizadas? Quem sonharia escrever e ter sua

<sup>2</sup> La historia de una tradición literaria femenina puede describirse como la liberación de la escritura, paso a paso, desde una perspectiva masculina hacia una escritura y un lenguaje auténticos de mujeres.

obra aprovada no “Reader’s Digest”? Afinal, pela voz da autora: “Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perda de tempo” (Jesus 2020: 33).

Não se trata apenas de “um teto todo seu” para que as mulheres pudessem escrever, pela sua condição, em uma época em que não podiam falar, nem podiam ocupar as mesmas posições ou disputar o mesmo espaço com homens. Trata-se de uma mulher que, pela cor de sua pele, pela sua condição de favelada, não podia ter voz, palavra ou verdade.

Não se trata de sonhar com as bibliotecas e espaços reservados aos universitários, as largas salas do estrato vitoriano, com seus saberes acumulados, tortuosos e vistosos “tomas de ciências ancestrais”; nem tampouco com suas luxuosas salas, palco de lautos jantares. Afinal, banquetes apenas habitam os sonhos de Carolina: “As perdições numerosas e variadas, vieram acompanhadas de todo o seu séquito de molhos e saladas, picantes e doces, cada qual na sua ordem de entrada” (Jesus 2020: 16).

Como ousa, Carolina? Como ousa pensar em galgar o panteão dos escritores nacionais, das mulheres de letras? Morando num canto precário de uma selva de pedra, onde as pessoas disputam a própria sobrevivência, como “ratos se acotovelando”, nos dizeres da burguesa Clarice Lispector. Um quarto que, a qualquer momento, pode deixar de ser um teto todo seu. Diante de sua condição precária, o amanhã pode não existir mais. Na favela, o espaço é contingencial. Por isso, “a favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que têm o quarto de despejo” (Jesus 2020: 100).

Como escrever o cotidiano cruel, grotesco e sem graça de uma favela atrasada, de um país atrasado da América do Sul, nos meados do século passado? A diferença é abissal, se comparada com a realidade britânica de Woolf: “É da mulher comum que a incomum depende. Apenas quando soubermos quais eram as condições de vida da mulher comum [...] quando pudermos avaliar o modo de vida e a experiência de vida tornados possíveis para a mulher comum é que poderemos explicar o sucesso ou o fracasso da mulher incomum como escritora” (1985: 10).

O papel que nasceu para sacrificar a natureza é o sustento de sua pobre família. O papel nosso de cada dia, que substitui o papel-moeda, faz-lhe as vezes. O papel que registra as palavras de uma descendente de escravizados, cuja alforria fora assinada em um pedaço de papel. O papel que permite que seus sonhos não sejam rasgados como papéis. Qual o seu papel nessa história toda, Carolina? Muitas vezes, o papel da escritora é apenas sonhar: “Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas cintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silêncio” (Jesus 2020: 40).

Como prosseguir, se lhe falta a força de um homem? Se seu sexo frágil não foi feito para o serviço pesado – “Eu estava tão nervosa! Acho que se eu estivesse num campo de batalha, não ia sobrar ninguém com vida” (Jesus 2020: 65). Como sustentar sua força, se só há alimento quando o dinheiro do papel é apenas suficiente para alimentar meia-boca. Mas há quatro bocas para serem alimentadas. A fome não faz concessões, muito menos nas crianças: “Penso: se a miséria revolta até as crianças...” (Jesus 2020: 65).

## MISÉRIA E EXCLUSÃO

Há uma verdadeira fauna na favela, há um verdadeiro rebanho de oportunidades, no meio do monturo. Outras figuras ficcionais passariam por isso, como a mulata Bertoleza o fez. Mas Carolina é real, de carne e osso. Viver dos restos dos mortais. Viver de algum resto mortal. Fuçar nas latas de lixo, um resto de resíduo que sirva de sustento a vidas desperdiçadas: “– É verdade que você come o que encontra no lixo? - O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animaes” (Jesus 2020: 105).

Vidas que cresceram para se perder, potencialidades que nunca serão exploradas. Vidas que crescem e se retroalimentam ao lado do lixo. Descartáveis e repugnantes como os resíduos. Refugo, extranumerário, exclusão: “Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima ou joga-se no lixo” (Jesus 2020: 41). O quarto de despejo é o barraco, o local que a cidade reservou aos indesejáveis. Como diria Zygmunt Bauman: “Com muita, frequência, na verdade, rotineiramente, as pessoas declaradas “redundantes” são consideradas sobretudo um problema financeiro” (2005: 20).

Mas, como superar essa realidade, se o dinheiro mal dá para o gasto, se tudo está tão caro e o papel-vida já não vale mais nada. Trocar uma escravidão de algemas por outra escravidão, mais silenciosa e não menos cruel, da desigualdade social: “Atualmente somos escravos do custo de vida” (Jesus 2020: 19). Ainda bem... que isso foi escrito no passado...

Trabalhar, dormir, acordar, trabalhar: “o pobre não repousa” (Jesus 2020: 20) Parece uma escravidão? A longa duração da história ainda não permitiu que os grilhões dos cativos fossem definitivamente rompidos pelo Estado de Direito, pela isonomia formal e igualdade de oportunidades: “Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço o dia todo na rua. E estou sempre em falta” (Jesus 2020: 20).

Mas se a penúria não impede o sonho, também não impede que o caráter seja alto, no coração de uma poetisa da vida. Afinal, quando se fala de gênio, não há regras para a sua formação. Ela se dá ao natural, perante as vicissitudes da vida e pela insinuação do erro. É preciso considerar que “formação” não consiste em “apenas adquirir novos conhecimentos, mas também redimensionar o já sabido”, dar-lhe novas perspectivas e superar preconceitos “e, desse modo, estar inserido em um processo de contínuas transformações” (Mazzari 2020: 26).

Um lugar em que não há a mínima educação formal quem pouco se esclareceu, é senhor da razão, principalmente se tiver força de espírito: “Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter” (Jesus 2020: 23). O suficiente para compreender o certo e o errado. O suficiente para acordar todos os dias e reiniciar a luta, como uma recusa à esmola, à prostituição ou à resignação: “A prostituição é a derrota moral de uma mulher. É como um edifício que desaba” (Jesus 2020: 119).

O caráter que recusa à simples condição de mulher, pobre e negra, que não permite que sua existência se arrime na proteção do patriarcado, nem da caridade, numa sociedade em que o casamento era, pelo menos, a possibilidade de compartilhar a miséria a dois, quando a condição de mãe solteira, de três filhos de pais diferentes, era um estigma que suscitava mais uma camada de preconceito, inclusive entre as próprias mulheres: “Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade” (Jesus 2020: 23).

Uma luta pela sobrevivência que representa uma negação de revivificar uma nova forma de escravidão pela violência doméstica: “E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor [...] Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas” (Jesus 2020: 23). Mesmo que não tenha ninguém a se apoiar ou para lhe defender: “Como é pungente a situação de uma mulher sozinha sem um homem no lar” (Jesus 2020: 28).

Evidentemente, quando a vida acumula reveses, quando não se tem alternativas, nem como superar a miséria, o desprezo, a degradação e a insignificância de um ser atomizado pela vida urbana e pelo massacre existencial, há grande perda de autoestima, de autorreconhecimento. É difícil acreditar em seu próprio valor, que sua própria força possa alterar as forças do destino que deixou todos iguais na desigualdade: “Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa” (Jesus 2020: 39).

Aqui, não podemos deixar de reconhecer o enorme torpor e enfraquecimento da vontade de viver, um verdadeiro niilismo que se apodera do ser diminuto frente à adversidade de um mundo construído sob uma lógica estranha aos seus anseios, esvaziada de perspectivas, “a experiência de viver dominado por uma pavorosa falta de propósito, de esperança e (acima de tudo) de amor” (West 2021: 49).

Um ser que se transforma e se recicla diante das intempéries da vida e da fortuna, misturando-se na mesma mutabilidade dos objetos que são descartados e lhes servem de fonte de sustento – “São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo” (Jesus 2020: 42). Diamante bruto como a escrita de Carolina, brilhante, a despeito da ausência de lapidação.

## **A ESCRITA COMO LIBERDADE E AUTOPRESERVAÇÃO**

Em meio à tamanha brutalidade e animália, a escrita cumpre um múltiplo papel. Com a escrita, conserva-se a própria sanidade mental, em meio a um modo de vida inóspito e indigno. O ato de escrever é um verdadeiro manifesto, um ponto de inflexão e resistência, em que a justiça é resguardada em partes, permitindo que o autor possa analisar o desenrolar dos fatos com a distância necessária para interpretá-los.

Conserva a sua marca de libelo contra as autoridades, perante a ausência de políticas públicas restauradoras da dignidade dos povos desfavorecidos:

Do ponto de vista da especificidade deste diário pode-se inferir que, se em suas páginas repercute uma representatividade coletiva, que outorga ao diário uma função social e dá a ver a miséria do Canindé, sobressai dessa mesma coletividade o gesto solitário de Carolina, para quem escrever funciona menos como ato de catarse do que como forma de resistir à miséria (Perpétua 2014: 255-266).

Em meio a tamanho caos, o ato de escrever surge como maneira de autopreservação, porque permite que Carolina se destaque da vileza de seu próprio ambiente e conserve sua própria integridade e a de seu núcleo familiar: “Tem pessoa aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me” (Jesus 2020: 71). Contudo, diante de tais circunstâncias, escrever é quase um ato instintivo, uma verdadeira necessidade.

Com o cumprimento de tais papéis, o ato de escrever exige quase que uma postura estoica por parte da autora, talvez uma inspiração que busque na vocação criadora a todos os seres que se encontram espalhados no mundo, a evocação de uma beleza própria que emana das existências que habitam a terra, a água e o ar, traduzidas em unidades próprias disponibilizadas pela coerência criativa do Ser Supremo. Um estoicismo que visa à preservação de si e de sua prole, no qual e pelo qual o ato de escrita se sobressai como instrumento de permanência no mundo concreto, pondo à salvaguarda aquilo que restou de humano ao artista.

Mas um estoicismo que recusa o suicídio honroso, porque busca aquela mesma unidade intuitiva almejada por todos os seres vivos, mesmo diante do sofrimento e da iminência da morte. “Quando encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome” (Jesus 2020: 149). Ao contrário do que afirmado pelo poeta Drummond, a carne não aspira à degradação, mas à unidade, à vocação intuitiva e à autopreservação.

Mas Carolina tem consciência de sua própria degradação física: “Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome” (Jesus 2020: 162). Vidas que se sucedem e se estiolam em um ciclo contínuo e ininterrupto de asperezas. A filha que repete a miséria da avó que será repetida por sua própria filha, diante da ausência de perspectivas.

Não perdeu o juízo em meio à miséria. Ela sabia que vivia suja, sentia seu próprio cheiro, sabia que participava da imundície de seu mundo, mas que a ausência de asseio não decorria de falhas suas, mas de escolhas que deviam ser feitas para se manter viva. “Eu estava suando e sentia o odor do suor” (documentar e situar). O mundo que a cerca a repugna, do mesmo modo que enoja as pessoas de fora do microcosmo da favela. Mas ela não tem alternativa.

## O DESAFIO DE SER ÉTICO: O SABER COMO DISCRÍMEN

Dentro desse universo, ela se destaca por não integrar a lógica destrutiva que se inculca na mente dos desgraçados e desvalidos, que absorvem a própria imoralidade e a violência de seu meio. Ela se recusa à promiscuidade, à depravação e ao alcoolismo, mas, ao mesmo tempo, não está imune às consequências do comportamento desviado de seus condôminos. À contragosto, é obrigada a conviver e assistir à violência doméstica, ao crime, ao desespero e à tragédia: “A pior praga da favela atualmente são os ladrões. Roubam à noite e dormem durante o dia. Se eu fosse homem não deixava os meus filhos residir nesta espelunca. Se Deus auxiliar-me hei de sair daqui, e não hei de olhar para trás” (Jesus 2020: 173).

Assim, sob o ponto de vista hegeliano, há uma verdadeira fissura no processo dialético que poderia ser estabelecido com seus pares, a impossibilidade de “ser” no “outro”, “reconhecer-se” no “outro”, como projeção de “si mesma”, o que inviabiliza que ela mesma tenha seu reconhecimento consolidado perante a comunidade. Paradoxalmente, o papel garante a sua subsistência orgânica e a garantia de sua integridade psíquica e moral, conservada pelo papel de escritora favelada: “Embora na maioria das vezes a autora se coloque numa posição distinta em relação aos vizinhos, seja pelo devaneio, seja pela negativa contundente da perenidade na miséria, em alguns momentos sua identificação se dá por um processo de espelhamento de si própria nos vizinhos de quem quer manter distância” (Perpétua 2014: 239).

É desse modo que ela se diferencia por um discrímen, por um atributo que não permite que sua matéria se confunda ou se misture à essência dos seus vizinhos. Sob esse aspecto, o processo discriminatório é duplo: ela é discriminada no mundo além-favela, por viver no quarto de despejo; ela é discriminada pelos próprios favelados, por seus atributos intelectuais que não permitem sua fusão ao próprio meio: “- Negra ordinária! Você não é advogada, não é repórter e se mete em tudo!” (Jesus 2020: 148). Um desencaixe no mundo de fora e no mundo dentro da favela, tão pesado como o fardo de carregar os entulhos que garantem sua própria sobrevivência.

Mas, ao mesmo tempo em que o ser se refugia em sua própria interioridade como forma de proteção às agruras de um cotidiano sinistro e hostil, não pode se descolar de seu tortuoso fluxo, como reclamo de sua própria subsistência.

Desse modo, a conflituosa relação com os seus colegas de infortúnio ressalta o ambiente inóspito, avesso a romantizações, da luta pela sobrevivência: um recuo ao estado de natureza hobbesiano, em que o medo da morte iminente e a disputa por bens desproporcionais às necessidades incipientes deflagram a guerra de todos contra todos. O egoísmo se sobressai justamente onde a solidariedade se fazia necessária: “Agora até os lixeiros avançam no que os catadores de papéis podem pegar. Eles são egoístas” (Jesus 2020: 111).

A vida passa a ser um fardo tão grande que é possível a empatia e a comparação com os próprios animais. Os animais rivalizam em virtudes e tristezas com os seres humanos, imagem-semelhança de uns com os outros. Como a vida seria mais leve

se pudéssemos cantar como as aves. A vida é injusta como a vida das vacas, cujo valor é tabelado pelo homem branco. Um gato pode virar alimento, como a cadela Baleia de *Vidas Secas*. Em meio à sujidade e à crueza da matéria orgânica, não deixamos de nos parecermos com porcos. Os cachorros alimentam-se como os próprios humanos. O ser humano se comporta como um verdadeiro urubu, vivendo da podridão orgânica dejetada: “Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos” (*Jesus 2020: 31-171*). Os ratos devoram os livros, como Carolina. Alimentos de quem, para quem? Nessa cadeia alimentar, os pobres estão abaixo dos animais: “Deus é o rei dos sábios. Ele pôs os homens e os animais no mundo. Mas os animais quem lhes alimenta é a Natureza porque se os animais fossem alimentados igual aos homens, havia de sofrer muito. Eu penso isto, porque quando eu não tenho nada para comer, invejo os animais” (*Jesus 2020: 61*).

E como se concentrar nesse ambiente? Como conseguir forças para fazer sobreviver a escritora que existia dentro de si, com suas potencialidades inexploradas, sua pulsação criativa? Não se trata de um teto só seu, mas de muito mais. Como comparar realidades tão díspares como a de Carolina e de Woolf?

Como se manter em pé à podridão, à degradação e ainda preservar a sensibilidade da poetisa? Reconhecendo a beleza no sorriso de uma criança, já que não é mais propensa ao sorriso? Admira a alegria de sua pequena filha: “Fiquei olhando minha filha sorrir, porque eu já não sei sorrir” (*Jesus 2020: 96*). O que mais falta ao mundo e aos homens destruir uma interioridade que é a única garantia de sua própria subsistência, em meio ao submundo da miséria?

De onde retirar a inspiração? Dos veios congestionados, dos músculos distendidos pela jornada brutal de trabalho, pelo peso dos papéis, pelo peso de seu papel no mundo, pelo peso do mundo em suas costas, pelo cansaço, pela vertigem, pela fome que causa vertigens: “Segui pensando: quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos” (*Jesus 2020: 169*). É da extenuação de suas forças que emerge a sua própria força, Carolina. É, mais uma vez, o limite entre o humano e o animal, a fonte de sua inspiração.

Como criar os seus próprios limites éticos dentro de um mundo impregnado de informalidades. Informalidade educacional, informalidade linguística – como a própria escrita de Carolina –, informalidade religiosa permeada por sincretismo. Um ambiente de misturas e simbioses, onde o improviso e o artifício são os únicos mecanismos de equilíbrio existencial. Um amálgama de culturas ancestrais, expressas em símbolos e na própria linguagem. O papel da mulher cada vez mais coisificado e reduzido aos apelos do sexo: “Disse que a vida está muito cara que até as mulheres estão caras. Que quando quer dar uma f... as mulheres quer tanto dinheiro que acaba desistindo. Fingi que não ouvi, porque não falo pornografia. Saí sem agradecê-lo” (*Jesus 2020: 122*).

Uma personalidade que é obrigada a se consolidar em meio a padrões morais indetermináveis, uma incompleta consciência de seu próprio corpo e de sua vontade, embora com limites bem estabelecidos: “Essa história das mulheres trocar-se de ho-

mens como se estivesse trocando de roupa, é muito feio. Agora uma mulher livre que não tem compromissos pode imitar o baralho, passar de mão em mão” (Jesus 2020: 118).

Sua linguagem simples, quase infantil, pode insinuar o apelo à paródia – instrumento largamente utilizado por grandes autores – para a narrativa das tragédias comezinhas do cotidiano. Mas não: é a sua dicção única, informal, descrevendo e registrando um cotidiano repleto de atrocidades: “A voz do pobre não tem poesia” (Jesus 2020: 131).

Mas ainda assim, Carolina consegue ser ciosa de suas próprias qualidades e virtudes. Sabe que é diferente dos demais, em todos os sentidos. Orgulha-se de sua cor e de suas origens, de sua própria beleza maltratada: “Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, o meu cabelo rustico. E até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica [...] Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta” (Jesus 2020: 164).

Exerce a maternidade, como tantas mães anônimas, cujos pais se escondem no desvão covarde da vergonha: “Te agradeço porque você me protege e não revela o meu nome no diário” (Jesus 2020: 157). Suplanta gêneros, na medida em que é pai, mãe, irmã e companheira de mazelas, porque as crianças amadurecem mais cedo na favela. Busca sustentar uma autoridade a despeito do meio que fragiliza e debilita a sua própria ascendência parental. Uma realidade que lhe esbofeteia, em frente aos seus filhos, mostrando-lhe os limites de sua existência. O único exemplo, o próprio esteio de toda a prole, em seu quarto de despejo. Como diria Carlos Vogt: “Um tipo de família que os antropólogos chamariam matrifocal e muito comum em sociedades que tiveram na sua formação de desenvolvimento a contribuição decisiva do trabalho escravo” (1983: 204-213).

## CONCLUSÃO: ESCRITA E RECONHECIMENTO

Mas ela precisava ser salva deste mundo, e o único meio de resistir era pela sua escrita de dicção única, histórica, oral e pouco compreendida dentro dos padrões academicistas. Sua alforria surgiu das mãos do jornalista branco, Audálio Dantas, que descobriu Carolina e seu diário em meio aos escombros: “A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela” (Dantas 2020: 201).

E, de repente, como que por um passe de mágica, se sua condição de escritora, artista e poeta impossibilitava que fosse devidamente compreendida por seu próprio povo, se o seu talento tinha como preço o seu próprio isolamento, Carolina se mostrou ao mundo além-favela, escancarando as portas de seu quarto de despejo. Ela tornou-se conhecida não só em nosso país, como no exterior, traduzida para treze idiomas: “Carolina conseguiu ainda outro mérito curioso: até hoje permanece como

a autora brasileira mais publicada no exterior, em particular nos Estados Unidos” (Meihy 1998: 82-89).

Ali no exterior, ela encontrou uma interlocutora invisível: a antilhana Françoise Ega passou a escrever cartas que, como o diário de Carolina, que jamais fora lido pelos moradores da favela, jamais seriam lidas pela própria Carolina. Ega idealizou uma provável correspondência epistolar com a autora do quarto de despejo, que nunca se concretizou, reunida no belo livro *Cartas a uma negra*. Mas a recepção de uma obra literária que tocou o coração de outra pessoa, noutro país, como a “contestação do racismo” e do sexism, constitui um “processo de construção de pontes que nos convida a ter empatia com as lutas e conquistas das minorias étnicas oprimidas pelo mundo” (Davis 2019: 157).

E, sem que se desse conta, sua escrita cumpriu o papel preconizado por Ângela Davis, alcançou, não só os corações de pessoas identificadas com os mesmos problemas, as mesmas questões de raça, classe e gênero que Carolina, mas também daquelas que puderam compreender que sua própria luta tinha muito a dizer sobre elas, pelo viés da interseccionalidade:

Então começamos a falar sobre preconceito [...] nos Estados Unidos eles não querem negros na escola.

Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preferir o preto é o mesmo que preferir o sol. O homem não pode com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse negros depois dos brancos, afé os brancos podia revoltar-se. (Jesus 2020: 114)

Seu “quarto de despejo” não é apenas um registro de um momento histórico, mas um verdadeiro manifesto contra toda a injustiça secular cometida contra os negros, no período pós-escravidão, relegados à própria sorte, vítimas da ausência de políticas sociais que lhes garantissem a devida inserção e encaixe, na competitiva sociedade contemporânea: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (Jesus 2020: 36). Um manifesto das lutas que as mulheres negras enfrentavam pela sua própria sobrevivência, em meio a uma normatividade sexista e misógina. Nos dizeres de Sueli Carneiro: “As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético da mulher é a mulher branca” (2019: 314).

Sua escrita supostamente seria a arma para a sua libertação financeira. Não foi o que aconteceu: embora tenha comprado sua casa de alvenaria, não se desvencilhou da pobreza até o fim de seus dias. Certamente, cumprindo o rito de seus ancestrais, realizou seu sonho de compartilhar uma farta refeição, num lugar divino, como já vaticinara Padre Antônio Vieira: “E se Deus, sendo escravos, vos põe à sua mesa na Terra, que muito é que tendo-o prometido, e estando vós já livres do cativeiro, vos haja de servir à mesa do Céu, sendo a mesa, não outra, senão a mesma” (1993: 1231).

Uma Antígona negra, que desafiou o poder instituído, ao apontar o dedo para as suas feridas. Uma desobediente civil que não aceitou as regras impostas pela tirania da miséria, ao invocar um direito natural à sua própria dignidade. E, com isso, garantiu que seu legado fosse resguardado pelas exéquias da imortalidade literária, a todos que ainda não perderam a bela capacidade de sonhar:

Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Eles organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso.

Quando desperte pensei: eu sou tão pobre. Não posso ir num espetáculo, por isso Deus envia-me estes sonhos deslumbrantes para minh’alma dolorida. Ao Deus que me proteje, envio os meus agradecimentos. (Jesus 2020: 112)

## OBRAS CITADAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminino: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Heloísa Buarque de Holanda, org. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 313-323.

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020. 201-203.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, cultura e política*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020.

MAZZARI, Marcus Vinicius. “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”: Um magnífico arco-íris na história do romance. *Romance de formação: caminhos e descaminhos do herói*. São Paulo: Ateliê, 2020. 21-42.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista USP*, São Paulo, n. 37, p. 82-89, maio 1998.

PERPÉTUA, Elzira Divina. A proposta estética em “Quarto de despejo”, de Carolina de Jesus. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 255-266, 2º sem. 2014.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermão Vigésimo Sétimo da Nossa Senhora do Rosário. Os sermões. Vol. IV. Porto: Lello & Irmão, 1993. 1203-1242.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual. Roberto Schwarz, org.. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 204-213.

WEIGEL, Sigrid. *La mirada bizca: sobre la historia de la escritura de las mujeres*. Gisela Ecke, org.. *Estética feminista*. Barcelona: Icaria, 1986.

WEST, Cornel. *Questão de raça*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

WOOLF, Virginia. *Mulheres e ficção*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.